

Taystee Jefferson: análise da identidade da personagem na série *Orange is the New Black*¹

Larissa Alves DIAS²

Maurini de SOUZA³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

Resumo

A ideia central do artigo é apresentar o enredo da série original da Netflix⁴, *Orange Is The New Black*, fazendo uma análise exclusiva da personagem *Taystee Jefferson*, buscando suscitar uma reflexão sobre a identidade da mesma. Será apresentado o contexto social no qual ela e as outras mulheres estão inseridas na trama e como elas são apresentadas pela mídia, tomando um viés mais comunicacional. A apresentação dos diferentes perfis de mulheres no enredo foge do padrão das produções tipicamente europeias e norte-americanas baseadas em estereótipos, dando espaço para apresentar ao público diferentes histórias e pontos de vista. Como base teórica, foram utilizadas as propostas de Martino (2010).

Palavras-Chave: Comunicação; Identidade; Recepção; Cinema/TV; Presídio;

Introdução

As séries televisivas vêm ocupando espaço no cotidiano de jovens e adultos que buscam por entretenimento dos mais variados gêneros. As novas produtoras de conteúdo midiático estão numa fase de transição extremamente importante para o contexto da atualidade que busca se ater a conteúdos polêmicos e assuntos de debate cotidiano.

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Bacharelado em Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, e-mail: Larissa_a_1@hotmail.com

³ Orientadora do Trabalho: Professora Doutora do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: maurini@utfpr.edu.br

⁴ Serviço de streaming de vídeos e produtora de séries e filmes.

Temas como machismo, racismo, homofobia e transfobia vêm sendo abordados pelos diversos canais de informação e as discussões estão ganhando espaço para dar visibilidade às minorias sociais⁵, que até então eram silenciadas e representadas pela mídia de maneira equivocada e estereotipada, servindo apenas para preencher a história do personagem central, sem possuir história própria. No caso de *Orange Is The New Black*, a diretora e autora Jenji Kohan coloca em evidência essas discussões de maneira a empoderar⁶ suas personagens femininas, assim como outras produções atuais que seguem posicionamento social semelhante, tais como *How to get away with murder* (2014), *Glee* (2009) e o filme francês, *Bande de filles* (2015)⁷, que sugerem às produtoras cinematográficas que a ideia de focar em outros assuntos é bem recebida pelo público, e que vale a pena investir na representatividade em suas produções.

Orange assume uma posição sólida ao construir personagens que trazem à tona de forma crítica, e por vezes irônica, debates que no cotidiano dos espectadores são considerados tabus. Arlindo Machado (2000) afirma que os espectadores são os responsáveis por decidir o “destino” da televisão e a qualidade de sua programação, uma vez que são eles quem decidem o que merece a sua audiência e o seu esforço de interpretação, tornando-os responsáveis pela qualidade do material exibido nos canais de entretenimento.

Nesse artigo, o foco será na representação da personagem *Taystee Jefferson* (interpretada pela atriz Danielle Brooks) enquanto mulher negra e marginalizada, apontando como as injustiças sociais sofridas durante a infância e adolescência foram fatores determinantes em sua vida adulta. Além disso, o texto fará uma reflexão sobre os estereótipos assumidos pelas mulheres negras nos programas de entretenimento. A análise será feita considerando o papel dela em toda a série, mas com atenção especial para o 2º episódio da 2ª temporada, que tem como enfoque a história de vida da personagem base para o estudo.

A personagem será trazida à tona sob a ótica de Martino (2010), que visa explicar a construção da identidade e como ela é segregada perante critérios de importância, de acordo

⁵ Para Melo (2002), o termo “minorias sociais” contempla duas naturezas: a) a numérica, relativa a quantidade de membros em um grupo; b) a de acesso ao poder, que se refere aos grupos com menor acesso aos mecanismos de poder, independentemente do número de membros. Nos basearemos aqui na segunda definição proposta pelo autor.

⁶ Para Freire (1992), o termo empoderar pode ser visto como a noção da conquista da liberdade por um grupo antes dependente de outro.

⁷ Lançado no Brasil sob o título “Garotas”.

com o nível social de cada um. Como justificativa à escolha, pode-se citar Napolitano (2005), que afirma que as análises midiáticas necessitam de reflexão acurada, uma vez que os documentos audiovisuais reproduzem conteúdos tendenciosos. Assim, essa atenção deve ser voltada não apenas para as produções e questões de linguagem, mas também para essas imagens transmitidas e como elas são recebidas pelos grupos sociais, que são os espectadores. A questão central, para o autor, é “perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos.” (NAPOLITANO, 2005, p.236). Ou seja, ter consciência de que a televisão tenta reproduzir a realidade de diversas maneiras, mas essa reprodução sempre será apenas um único discurso, sob um único ponto de vista, que não abrange todos os aspectos que moldam a sociedade.

Orange is The New Black

A série busca apresentar o cotidiano de diversas mulheres dentro da Penitenciária de *Litchfield*, dando voz às que não a tem por serem marginalizadas e vistas pela sociedade como meramente criminosas. Ela carrega consigo características peculiares que, por si só, compõem um conjunto de elementos que dão suporte para apresentar ao público as histórias destas mulheres enquanto mulheres propriamente ditas e não apenas presidiárias, como é o caso dos *flashbacks* inseridos na trama que propiciam, ao decorrer dos episódios, o entendimento da essência dessas mulheres levando em consideração seu passado.

Baseada em fatos reais, *Orange is The New Black* conta a história de *Piper Chapman* (na vida real, Piper Kerman e interpretada na série pela atriz Taylor Schilling), uma mulher branca de classe média alta que se envolve romanticamente com a traficante internacional *Alex Vause* (Laura Prepon) e, por meio deste romance, *Piper* passa a ser cúmplice e, por consequência, também é acusada e presa. Na cadeia, ela vivencia uma nova realidade, rodeada por mulheres com perfis muito diferentes dos que a cercavam enquanto estava livre. Para Montoro e Senta:

A ideologia hegemônica é ironicamente contestada e a prisão de *Litchfield* passa a ser entendida simbolicamente como um microcosmo das sociedades contemporâneas, escancarando lugares invisíveis, ocultos no imaginário social predominante. *Litchfield* representa assim um “não lugar”, as exclusões, a “anormalidade”, a

desordem, que na realidade concreta aparecem camuflados pela hipocrisia social. (MONTORO; SENTA, 2015, s/p)

Orange is The New Black é uma dessas séries que, em pouco tempo, teve grande repercussão mundial por abordar uma temática diferente da convencional que era conhecido no mundo das séries, abrangendo perfis também diversificados. Criada por Jenji Kohan, a série abre portas para inserir no mercado tradicional de programas de entretenimento, conteúdos que retratam a realidade da sociedade e perfis de personagens que não se enquadram no padrão estético predominante da atualidade.



⁸Figura 1-Elenco da série Orange is the new Black

A ideia da criadora foi usar a personagem central apenas como objeto de inserção para as produtoras aceitarem-na como série de possível sucesso. Em entrevista à NPR, a criadora da série, Jenji Kohan, diz que Piper Chapman foi seu “cavalo de Tróia”:

⁹In a lot of ways Piper was my Trojan Horse. You're not going to go into a network and sell a show on really fascinating tales of black women, and Latina women, and old women and criminals. But if you

⁸ Imagem retirada do site <<http://genius.com/Orange-is-the-new-black-cast-annotated>>

⁹ TRADUÇÃO LIVRE: “Em muitos sentidos Piper foi meu Cavalo de Tróia. Você não tenta entrar em uma rede e vender um show com contos realmente fascinantes de mulheres negras e mulheres latinas, e velhas e criminosas. Mas se você pega esta garota branca, este tipo de peixe fora da água, e a segue, você pode, em seguida, expandir o seu mundo e contar todas essas outras histórias. Mas é uma venda difícil simplesmente entrar e tentar vender essas histórias inicialmente. A garota da porta ao lado, a loira legal, é um ponto de acesso muito fácil, e é compreensível para um monte de público e um monte de redes à procura de uma demografia determinada. É útil.” Entrevista disponível em: <<http://www.npr.org/2013/08/13/211639989/orange-creator-jenji-kohan-piper-was-my-trojan-horse>> Acessado no dia 26 de novembro de 2015.

take this white girl, this sort of fish out of water, and you follow her in, you can then expand your world and tell all of those other stories. But it's a hard sell to just go in and try to sell those stories initially. The girl next door, the cool blonde, is a very easy access point, and it's relatable for a lot of audiences and a lot of networks looking for a certain demographic. It's useful. (KOHAN, 2013)

Dentro da prisão, há segregações raciais e esses grupos são formados pela relação de semelhança entre as mulheres que os compõem, baseados no patamar social e étnico de cada uma delas. *Orange* busca abranger todos os públicos, para que quem assistir a série consiga se identificar com alguma das inúmeras histórias apresentadas durante as três temporadas.

Embora a personagem central seja *Piper*, ela acaba por dividir seu protagonismo com as outras presidiárias que, apesar de secundárias, têm papel relevante para fortalecer o enredo. Kohan consegue, desta maneira, contar o passado das presidiárias que acabam por conquistar seus espaços dentro da série por serem personagens diversificadas e que atendem a audiência que espera se identificar com as personagens da série que assiste.

Comunicação e Identidade

Esta seção visa apresentar o que é e qual a importância do discurso e da construção da identidade de um personagem. “A realidade do discurso, isto é, o real transplantado para um outro nível de apropriação cognitiva, é compartilhada pela comunidade de um tempo e um espaço constituindo o tecido narrativo simbólico e imaginário de um grupo.” (MARTINO, 2010, p.40), assim, o discurso tem como intuito construir a identidade da personagem, levando em consideração a psicologia do narrador e a as condições históricas que cercam o discurso. Em seu livro “Comunicação e Identidade: Quem você pensa que é?”, Martino foca nas questões culturais e identitárias, e chama atenção para o fato do espaço local não definir mais a modelagem de identidade, e sim o contexto social e a autoridade de quem fala.

O discurso propriamente dito pode ser definido como “domínio do uso da linguagem, um modo particular de dizer (e escrever e pensar)” (BALSEY, 1980, p.5). O discurso de identidade, por sua vez, é uma maneira de definir o “eu” sob o olhar do “outro”. Assim, as desigualdades do discurso são criadas, refletindo as mesmas desigualdades

presentes na sociedade, na qual o discurso de uns vale mais do que os de outros, criando níveis ilusórios de importância. A partir disso, temos a construção da identidade de cada grupo. Essas identidades são moldadas a partir de um grupo superior e que tem maior poder de discurso sobre o outro. A mídia reproduz o discurso sob a ótica do vencedor, do mais poderoso, assim, “no espectro das relações de poder, o discurso construído sobre determinado grupo é fundamental para decidir quais os termos de uma relação desigual” (MARTINO, 2010, p.152).

Segundo o autor, a mídia falha no momento em que tenta desvencilhar o que é informação e o que é entretenimento, uma vez que não se pode tratar conteúdos midiáticos como sendo dissociados do cotidiano. As identidades criadas para serem representadas nos canais de entretenimento são definidas pela aceitabilidade dos espectadores e do ¹⁰*feedback* positivo em relação às características construídas para as personagens. A grande questão é: a audiência continua a aceitar esses padrões antiquados de identidade que não representam todos os espectadores? A maneira como o outro vê não representa aquilo que o indivíduo é, logo, a visão do outro é passível de erros e julgamentos precipitados. Trataremos aqui de uma identidade construída para definir um dos papéis majoritariamente exercidos por mulheres negras nas produções audiovisuais. Para James Adjaye:

As formas e produções da cultura negra, em todos os lugares, oferecem significado e realidade à vida das pessoas, construindo e configurando identidades e consciência e, também, expressam a resistência às formas de dominação cultural, capitalista, colonial e pós-colonial. (ADJAYE, 2000, apud MARTINO, 2010 p. 151)

Logo, é de suma importância que outras perspectivas passem a ser adotadas nas grandes produções, abrangendo outras culturas que não a ocidental europeia e que deem visibilidade para as pessoas que são silenciadas e não se sentem representadas na mídia atual.

A personagem Taystee Jefferson

Orange assume um papel de relevância na indústria midiática da atualidade que é o de empoderar suas personagens femininas. Dentre as personagens secundárias da série, está

¹⁰ Resposta, retorno.

Taystee Jefferson, uma mulher órfã, negra, gorda, pobre, marginalizada e que foi adotada por uma traficante quando era adolescente; por conta da criação de sua mãe adotiva, se envolve no tráfico e acaba sendo presa.



¹¹ Figura 2: Personagem Tasha “Taystee” Jefferson

A construção da identidade da personagem é realizada de maneira realista, retratando de forma crível como é a vida de mulheres de perfil similar e que também estão na cadeia. A diferença de *Orange* é mostrar a mulher negra de maneira alternativa à como ela é percebida nos filmes e séries televisivas tradicionais. *Taystee* se apresenta como uma mulher que foge dos estereótipos baseados na fragilidade do sexo feminino. Ela passa a ser uma mulher com vontades próprias, segura de si e com medos reais, ou seja, suas emoções são relevantes.

Taystee é a protagonista dos *flashbacks* em um dos episódios da série, o de número 2 da 2ª temporada. No decorrer do episódio, são apresentados *flashs* da história do passado da personagem. Ela é apresentada no início como uma criança espontânea e extrovertida, e quando tenta mostrar sua essência para um casal que poderia vir a adotá-la, ela é silenciada por uma das assistentes sociais, que espera que ela seja uma criança contida e que se adeque aos padrões de “boa menina”.¹² As imposições de gênero sutilmente expressas na cena deixam claro que, perante a sociedade, se uma garota não se comporta como a sociedade

¹¹ Imagem retirada do episódio 2 da 2ª temporada da série *Orange is the new Black*

¹² Episódio 2 da 2ª temporada da série *Orange is the new Black*. Duração da cena: 1’42’’ a 2’.

espera que ela se comporte, ela então não é digna de reconhecimento, ainda mais se essa garota é negra.

O episódio se divide entre o passado da personagem e a tentativa dela de passar em uma simulação de entrevista de emprego proporcionada pela direção do presídio. Ela aparece ¹³ vestida com roupas elegantes, um discurso polido e em uma situação de maior requinte, fugindo radicalmente do contexto carcerário predominante da série). *Taystee* surge, então, pela primeira vez, como uma mulher de aparência elegante e não mais como a mulher ignorante e pobre da periferia. Esse tipo de representação em programas de entretenimento é de importância para confrontar produções cinematográficas que adotam a escolha de clichês para perpetuar estereótipos racistas. Vascounto (2015) enfatiza que “como se não bastasse a pouca representação negra no grosso dos filmes hollywoodianos, quando eles aparecem, na maioria das vezes é para reproduzir estereótipos racistas cretinos”. *Orange* oferece essa abertura para mostrar ao público uma personagem de estilo já conhecido, mas representada de maneira humanizada.

Na indústria do entretenimento pode-se observar que personagens negras e gordas são representadas de maneira exagerada, como pessoas compulsivas, descontroladas e inconvenientes, como as personagens *Mary Lee* (interpretada pela atriz Mo’Nique) no filme *Preciosa*¹⁴ e *Rasputia Latimore* (interpretada pelo ator Eddie Murphy) no filme *Norbit: Uma comédia de peso*¹⁵, ou ainda, são designadas a atuar apenas como empregadas ou cozinheiras, papéis que submetem a servidão, como a personagem *Minny Jackson* (interpretada pela atriz Octavia Spencer) no filme *Histórias Cruzadas*.¹⁶ Para Arraes (2014), o termo utilizado para definir esse tipo de estereótipo é o de “negra arretada”, ou seja, “personagem expansiva, cheia de atitude, que não tem medo de puxar a orelha de quem quer que seja e é mestre em fazer movimentos circulares com a cabeça sem dar mal jeito no pescoço.”(ARRAES, 2014, s/p). As personagens que são construídas em cima desse tipo estereotipado de mulher são, na maioria das vezes, traçadas como mulheres escandalosas, ignorantes e/ou promíscuas, perpetuando um estereótipo racista.

Essa percepção limitada e negativa a respeito dessas mulheres não se encontra exclusivamente na ficção, mas faz parte da realidade de muitas

¹³ Episódio 2 da 2ª temporada da série *Orange is the new Black*. Duração da cena: 46’ a 48’57”.

¹⁴ Título original: *Precious*. Lançado em 2009.

¹⁵ Título original: *Norbit*. Lançado em 2007.

¹⁶ Título original: *The Help*. Lançado em 2011.

peças que precisam lidar diariamente com as facetas do racismo. Por se tratarem de valores muito naturalizados e pouco questionados, associar determinadas características a esse grupo de mulheres é tão comum que, de tanto se repetir, vira quase um axioma. É por isso que muitas gordas negras relatam experiências de violência física e psicológica, tanto na infância quanto na idade adulta. (ARRAES, 2014, s/p)

Em *Orange*, *Taystee* possui o estilo “negra arretada”, é uma personagem de presença marcante, que fala alto. Mas o que a difere das outras figuras de mesmo estilo em produções hollywoodianas é o fato dela ter uma história e poder contá-la. Na penitenciária, as detentas vivem em um microcosmo que engloba as subdivisões de grupo encontradas no mundo fora do cárcere. Assim, *Taystee* faz parte do “núcleo das negras”, que apesar de não ser uma divisão oficial, é a maneira das presas se identificarem como um grupo.

Além das características físicas, *Taystee* ainda carrega consigo o fato de pertencer à classe baixa, o que reforça a falta de oportunidades que ela teve durante sua vida. Para ela, estar na prisão é a única coisa que lhe resta, prova disso é o fato dela conseguir liberdade condicional, mas optar por voltar para a penitenciária, uma vez que quando ela esteve do outro lado dos muros de *Litchfield*, o mundo não a recebeu de braços abertos. Vítima da rejeição, pobreza e miséria, *Taystee* comete propositalmente um delito que infringe sua condicional e retorna à penitenciária. A partir disso, é possível notar o paralelo entre o entretenimento e a vida real, dramatizando a realidade das pessoas negras e da periferia que são jogadas às margens da sociedade, assim como *Taystee*.

Linguagem da personagem

Para criar uma distinção dos outros grupos, algumas características das personagens que o compõe são relevantes, tais como a linguagem compartilhada pelas integrantes. Alguns termos e expressões são característicos dos guetos e periferias norte-americanas, que são os lugares de origem das mulheres que constituem o “grupo das negras”. *Taystee* constantemente utiliza palavrões em suas frases, expressões próprias dos guetos como *white chick*¹⁷, *bullshit*¹⁸ e *nigga*¹⁹ e movimentos corporais que acompanham seus diálogos, e tais elementos são parte dos que definem sua identidade. É possível compreender que todos os

¹⁷ Garota branca.

¹⁸ Besteira, enganação.

¹⁹ Termo que se refere à negros.

elementos são fundamentais no entendimento da personagem enquanto parcela de um grupo discriminado e inferiorizado e essa desigualdade linguística é expressada nas relações interpessoais, durante conversas de pessoas com níveis de autoridade diferentes. A linguagem tem esse poder de denunciar a origem social do enunciador e elevá-lo ou rebaixá-lo, de acordo com seu nível de importância.

Para Martino:

As tentativas de substituição das culturas originais de uma região pelas culturas do colonizador nada mais são do que as formas extremas de conseguir essa cumplicidade: eliminando a cultura, a língua e os costumes eliminam-se três das principais referências de identidade no intuito de destruir as possibilidades do colonizado pensar a si mesmo como personagem autônomo: se quiser pensar em si, será a partir do olhar do colonizador, (MARTINO, 2010, pg 95).

As narrativas, então, comportam esse mesmo pensamento tradicionalista e direcionado a um determinado público com ideais conservadores e, a partir disso, constroem personagens que representam pessoas diminuídas e que devem se portar como menores do que outras. Prova disso é o momento já citado da entrevista de *Taystee*, na qual ela precisa camuflar sua maneira própria de falar e se apropriar de um tom elitizado para ter uma chance de sucesso.

A língua tem papel fundamental na caracterização de um grupo, e para Saussure:

Ela [a língua] é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude dum contrato estabelecido entre os membros da comunidade. [...] A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua contanto que compreenda os signos vocais que ouve, (SAUSSURE, 1995, p.22).

Os signos compartilhados entre as detentas do núcleo das negras são entendidos por todas e definem a identidade de seu grupo. É visível na série o fato de *Taystee* estar familiarizada com esse estilo linguístico, pois cresceu num meio onde ele era predominante.

É importante ressaltar que as mulheres que compõem esse grupo, na trama, já utilizavam tais signos antes de irem para o presídio, uma vez que ele é característico das

periferias e guetos, ou seja, lugares de origem da maioria destas mulheres. Portanto, se trata de uma aproximação por reconhecimento e semelhança de signos, já que todas se entendem e trocam mensagens baseadas nos mesmos códigos, e não a criação de um novo modelo único e exclusivo da cadeia.

Considerações Finais

A mídia dificilmente abre espaço²⁰ para discursos diferentes daqueles que são tomados como superiores, e é por isso que produções como *Orange is the new Black* são tão relevantes. Dar abertura para diferentes tipos de mulheres serem representadas na grande mídia com destaque real, e não apenas secundário, é um passo de extrema importância para a representatividade que as mulheres buscam no século XXI. Questões de gênero, raciais e de orientação sexual devem ser colocadas em pauta e como assunto principal em produções audiovisuais justamente para promover o debate saudável destes assuntos no cotidiano das pessoas, visando quebrar paradigmas tradicionalistas que não permitem a simples discussão dos mesmos.

Taystee rompe uma barreira importante nas produções norte-americanas, pois a relevância dela dentro da série vai além da representatividade negra em produções audiovisuais de grande audiência. Mesmo ela não sendo a personagem principal, seu valor enquanto mulher é de extrema importância no contexto da sociedade atual por apresentar aos espectadores uma visão diferente da já conhecida em filmes e séries, uma vez que os sentimentos dela são expostos, assim como seus medos, momentos de alegria e conflitos cotidianos. Por mais que a personagem ainda comporte alguns dos aspectos que moldam o estereótipo aqui discutido, não se pode deixar de lado o fato dela ter seu espaço para compartilhar seus sentimentos e emoções em uma série produzida por uma grande empresa como a Netflix, provando assim que todas as personagens têm histórias e não só um tipo delas tem o direito de contá-las.

²⁰ Para Souza e Silva (2013), “Esse aspecto faz parte da natureza dos discursos, que revelam a equivocidade do acontecimento em contraste com “univocidade lógica” adotada pela mídia.” Logo, a mídia opta por uma ótica para direcionar seus conteúdos dificultando a aceitação de visões diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADJAYE, Jonh. **Language, rhythm and sound – Black popular cultures into the twenty-first century**. Pittsburg, 2000.

ARRAES, Jarid. **Uma breve reflexão sobre mulheres negras gordas e seus estereótipos**. Revista Fórum. 2014. Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/questaoodegenero/2014/03/28/uma-breve-reflexao-sobre-mulheres-negras-gordas-e-seus/>> Acessado em 30 de novembro de 2015.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. Ed. 49ª São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BALSEY, Catherine. **Critical practice**. Londres: Metuen, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac São Paulo, 2000.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade: Quem você pensa que é?**. São Paulo: Paulus, 2010.

MELO, Vitor Andrade de. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão Cultural LTDA, 2002. Disponível em:<https://books.google.com.br/books?id=bRKU41nl5twC&pg=PA24&lpg=PA24&dq=negros+e+termo+minorias&source=bl&ots=RO_Inc_Ov4&sig=uYCsEuXstuGPSFImVU2W17NT7pw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj9_rud3L3JAhWCW5AKHbW_CPoQ6AEIMDAD#v=onepage&q=negros%20e%20termo%20minorias&f=false> Acessado em 2 de dezembro de 2015.

MONTORO, Tania Siqueira; SENTA, Clarisse Raquel Motter Dala. **ORANGE É O NOVO GÊNERO: ressignificações e transsignificações do feminino /masculino em formato televisivo para plataforma web**. 2015.18 f. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, 2015

NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: a história depois do papel**. IN: PINSKY, Carla(org); **Fontes Históricas**; Contexto; São Paulo, 2005.

NPR. **‘Orange’ creator Jenji Kohan: ‘Piper was my trojan horse’**, 2013. Disponível em <<http://www.npr.org/2013/08/13/211639989/orange-creator-jenji-kohan-piper-was-my-trojan-horse>> Acessado em 30 de novembro de 2015.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 26ª ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995

SOUZA, Maurini de; SILVA, Uiara Chagas. **O MST no Jornal Hoje uma análise discursiva.** 2013.16 f. Artigo científico – Caderno de Estudos Linguísticos (UNICAMP). Campinas, 2013

VASCOUTO, Lara. **4 Estereótipos racistas que Hollywood precisa parar de usar.** Disponível em <<http://www.nodeito.com/estereotipos-racistas-hollywood/>> Acessado em 30 de novembro de 2015.